



## ALTERIDADE COMO POTÊNCIA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA: CAMINHOS PARA PENSAR A DIFERENÇA

Jéssica Bianca dos Santos<sup>1</sup>  
Jamille da Silva Lima- Payayá<sup>2</sup>  
Eduardo Marandola Jr.<sup>3</sup>

### RESUMO

Traumatizar o discurso formal construídos nos pilares do conhecimento ocidental se faz necessário mediante ao processo de formação de professores que reproduz na educação regras, valores e conhecimentos formais estabelecidos na Mesmidade. Trata-se de um conjunto de ações que demandam mudança, um novo olhar para a educação geográfica como quebra a homogeneização e padronização de conceitos para a construção de uma formação que acolha o Outro em sua diferença. Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância de uma educação geográfica voltada ao Outro, um outro-modo-que-ser geográfico em que a responsabilidade e o acolhimento seja o caminho para uma educação ético-crítico do saber e do ser, abrindo possibilidade para pensar a diferença na educação geográfica. Embasado na filosofia ética de Emmanuel Lévinas, as contribuições para a educação geográfica vem no sentido de repensar o conceito de lugar na geografia revelando as relações de geograficidade. A Geografia Humanista de base fenomenológica será aporte na compreensão do fenômeno educacional, como parâmetro para compreender a potência da alteridade radical na educação geográfica para a diferença. Acredita-se que a filosofia ética de Lévinas tenha o potencial de instigar a maneira como abordamos a formação de professores em Geografia, abrindo caminhos para uma educação geográfica que coloca a alteridade no centro de suas preocupações.

**Palavras-chave:** Alteridade, Formação Docente, Diferença.

### ABSTRACT

Traumatizing the formal discourse built on the pillars of Western knowledge is necessary through the process of teacher training that reproduces in education rules, values and formal knowledge established in sameness. This is a set of actions that demand change, a new look at geography education as a break with the homogenization and standardization of concepts in order to build an education that welcomes the Other in their difference. The aim of this work is to show the importance of a geographical education that is geared towards the Other, another way of being geographical, in which responsibility and acceptance are the path towards an ethical-critical education of knowledge and being, opening up the possibility of thinking about difference in geographical education. Based on the ethical philosophy of Emmanuel Lévinas, the contributions to geographical education come in the sense of rethinking the concept of place in geography, revealing the relationships of geographicity. Phenomenologically-based Humanist Geography will be used to understand educational phenomena, as a parameter for understanding the power of radical alterity in geographical education for difference. It is believed that Lévinas' ethical philosophy has the potential to instigate the way we approach

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, [jessica.biasantos@gmail.com](mailto:jessica.biasantos@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual da Bahia ( UNEB); [jaslima@uneb.br](mailto:jaslima@uneb.br).

<sup>3</sup> Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), [eduardo.marandola@fca.unicamp.br](mailto:eduardo.marandola@fca.unicamp.br).

Trabalho realizada com apoio financeiro CAPES.

teacher training in Geography, opening the way to a geographical education that places alterity at the center of its concerns.

Keywords: Alterity, Teacher Training, Difference.

## **Introdução**

Uma das questões que tem suscitado intensos debates, tanto no âmbito social quanto acadêmico e educacional, diz respeito à problemática da diferença, o estranhamento ao Outro e a negação da alteridade.

O modelo de formação tradicional que temos na universidade está estabelecido nos moldes da modernidade-colonialidade, em uma forma de conhecimento pautado na Mesmidade e na representação sujeito-objeto. Nesta concepção, o Outro fica como que suspenso e privado de permanecer em sua alteridade excluindo as relações éticas com o Outro.

Promover práticas que provoquem o deslocamento egológico é necessário para possibilitar outras formas de relação, assim ressignificar a educação geográfica e a formação docente. Nesse sentido, a ética como filosofia primeira delineada por Emmanuel Levinás apresenta-se como uma fonte potencial de contribuições valiosas para a formação de professores e práticas pedagógicas descoloniais, uma vez que rompe com o Eu egocêntrico.

A aproximação do pensamento permitiu problematizar a educação e a formação geográfica estabelecida sobre o prisma da sociedade moderna, além de permitir reflexões em torno da formação docente em geografia para a diferença, superando a filosofia do poder, da totalidade, da tradicionalidade, assumindo práticas pedagógicas que buscam uma educação via alteridade, pautada no acolhimento do Outro em sua infinitude.

A formação docente para a alteridade para pensar a diferença trilha pelos caminhos da Geografia Humanista de orientação fenomenológica, especialmente pelo pensamento de Emmanuel Lévinas que nos provoca a pensar uma formação comprometida com o Outro. Para compreender como é manifestada a diferença e as relações de alteridade na formação docente, trazemos para as discussões o lugar, entendendo que a alteridade pode ser desvelada nele por meio das relações de geograficidade (Dardel, 2011) e como o Outro-geográfico pelo qual nos sentimos obrigados a acolher (Lima, 2023).

Assim, o texto desenvolve as discussões em duas faces: a primeira buscando problematizar o conhecimento moderno e sua reprodução na formação docente em Geografia; a segunda parte busca refletir a possibilidade de uma formação ética para pensar a diferença.

### **De portas fechadas: a ciência da Mesmidade**

A Modernidade, alicerçada no pensamento racional, apesar de alcançar conquistas no âmbito tecnológico e científico, concebeu uma sociedade que supervalorizou a Razão e desconsiderou o Outro. Concebida na Mesmidade, a colonialidade do poder, do ser e do saber acaba por disseminar e reproduzir uma sociedade egocêntrica fundamentada na representação. A reprodução do colonialismo na sociedade acontece, segundo Mondardo (2020), por meio do imaginário coletivo, nos relacionamentos interpessoais, na organização social e no modo como vivemos e nos relacionamos com o mundo.

A colonialidade reproduzida no modo de vida contemporâneo é marcada pela subjetividade, pela supremacia do Eu que distancia o Eu do Outro, e que por muitas vezes impede/exclui a alteridade e sua existência. Maldonado-Torres (2008), ao debruçar-se sobre a colonialidade na modernidade coloca que um dos princípios mais importantes da modernidade é a ideia de que as pessoas não conseguem sobreviver sem as conquistas teóricas ou culturais da Europa.

Grande crítico da modernidade, Enrique Dussel (2000) considera como um mito, inaugurada no final do século XV, por meio da conquista do Atlântico pela violência e pelo genocídio, a modernidade permitiu novos paradigmas de vida cotidiana, isso influenciou a compreensão da história, da ciência e da religião.

Desta maneira, nos inspiramos no pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas para refletir dilemas éticos do mundo contemporâneo, incluindo a educação e a formação docente em Geografia, propondo uma alternativa às possibilidades de discussões éticas contra a filosofia do poder, do saber e do ser fundamentada num pensamento totalizante, que promove a violência ao Outro (Quijano, 2005).

Reflexo da sociedade, as universidades e a formação docente estão sobre as bases da modernidade-colonialidade que reproduz uma filosófica tradicional limitando outras maneiras de conceber e conhecer o mundo, o ensino fundamentado na Mesmidade fica restrito às concepções de compreensão egoísta que coloca o Eu como centralidade e justificação da

vontade racional. Para Lévinas (1982, p. 67), a História da Filosofia “pode interpretar-se como uma tentativa de síntese universal, uma redução de toda a experiência [...] a uma totalidade em que a consciência abrange o mundo, não deixa nada fora dela, tornando-se, assim, pensamento absoluto”.

A Mesmidade, base da Filosofia Moderna, é entendida por Martins e Lepargneur (2014) como o mesmo de mim, tomada do Outro como o Eu que se expressa na totalidade, como domínio e violência. Desse modo, se o Outro é reduzido ou limitado ao Mesmo, deixa de ser Outro para ser o Mesmo.

A Mesmidade na formação docente em Geografia o conhecimento fica limitado à base da filosofia moderna fundamentada na dualidade sujeito/objeto a partir da centralidade do Eu, concepção que pouco revela nossa existência no mundo. Lévinas (2010) afirma que a filosofia moderna busca a representação das coisas, logo, ser e consciência estão ligados à presença e à representação. Em vista disso, o autor afirma que há tempos a filosofia vem perdendo a credibilidade, justamente por separar filosofia/ontologia e filosofia/verdade.

Lima (2020) salienta que os cientistas se abrem a um presente, a um logos, a uma representação, ferindo a radicalidade do Outro à medida em que reduz o Outro à Mesmidade. Lévinas (2010), ao apontar o pensamento de Hegel enfatiza que o discurso do logos é um discurso sobre o ser, uma filosofia que vai ao encontro do apreensível, uma racionalidade que é aprender, síntese, sin-cronização da história e presença do ser.

Entretanto, é necessário busca outro modo de conceber a ciência fragilizando o discurso colonialista em busca de novas perspectivas de aprendizado que permitam que a formação de professores de Geografia alcance um significado que transcenda o próprio ser ou que esteja para além do ser, desafiando os fundamentos da filosofia ocidental (Lévinas, 2011).

Em um movimento de traumatizar a educação geográfica estabelecida sobre os valores e padrões da modernidade-colonialidade, descolonizar o pensamento centrado no sujeito do conhecimento moderno demanda mudanças epistemológicas que atravessam o humanismo eurocêntrico. Para isso é preciso abrir as portas para um outro modo de concepção do sujeito, fundamentado no acolhimento e responsabilidade ao Outro.

**Abrindo as portas: formação docente para a diferença**

Refletir sobre novas abordagens na formação de professores de Geografia demandam uma reconfiguração do modo como concebemos o conhecimento, buscando criar um processo formativo mais abrangente que não se baseia unicamente na Mesmidade.

O deslocamento egológico permite significar a educação geográfica e a formação docente, primeiro por identificar na educação geográfica abertura a um outro modo de compreensão do conhecimento que não está na esfera ontológica, nem epistemológica, mas na alteridade (Lima, 2023).

A alteridade surge como uma possibilidade de traumatizar a centralidade do sujeito do conhecimento moderno para a construção de uma formação docente voltada ao Outro. Essa relação proposta por Lévinas (2011) é fundamentalmente ética, indo ao encontro do para além da essência, um Outro-modo-que-ser ético, em que o Outro é a base de seu pensamento e não o sujeito da Mesmidade. Essa radicalidade ética possibilita novos modos de ser e ensinar geografia, necessária a formação inicial, uma vez que prepara profissionais para atuar na educação, num movimento de acolhimento e responsabilidade ao Outro que se manifesta em diferentes formas, entre elas na diferença.

A radicalidade ética proposta nessa pesquisa vem da apropriação do pensamento de Emmanuel Lévinas (1906-1995), filósofo franco-lituano inspirou as perspectivas decoloniais da América Latina e percussor das filosofias da diferença tem seu pensamento voltado à alteridade radical, uma convocação de natureza ética, na qual o Outro se desloca e provoca o desembriagamento do Eu (Lima, 2020).

Lévinas teve sua vida marcada por momentos sombrios. Judeu, presenciou um dos momentos mais tristes da história da Europa, vendo sua família ser morta pelo nazismo, com exceção de sua esposa e filha, que foram protegidas por amigos (HADDOCK-LOBO, 2006). Influenciado pelas obras fenomenológicas de Husserl e de Heidegger, além do horror nazista, elaborou uma filosofia de não violência, em que encontra na face do Outro a responsabilidade e acolhimento radical, uma inversão da estrutura pautada na Mesmidade.

Importante para os estudos descoloniais, Lévinas traz uma nova maneira de conceber a ciência e o conhecimento filosófico, rompendo com a tradição e inaugurando uma ética como filosofia primeira. Seu pensamento vem na contramão da tradição do conhecimento filosófico tradicional, que coloca o Eu como centralidade e justificação da vontade racional.

O Outro para Lévinas (2011) é o inapreensível e incognoscível, anterior à própria ciência e à consciência, numa relação diacrônica não recíproca. O fundamento ético

levinasiano não se encontra no Eu, mas no rosto do Outro. O rosto dá início a uma ordem ética, que me coloca a disposição: Eis-me aqui, e a sua nudez anuncia uma ordem: não matarás.

A diacronia é a recusa da conjunção, o não-totalizável e, neste sentido preciso, Infinito. Mas, na responsabilidade por Outrem – por uma outra liberdade –, a negatividade desta anarquia, desta recusa oposta ao presente – ao aparecer – do imemorial, comanda-me e ordena-me a outrem, ao primeiro que aparece, aproxima-me dele, aproxima-o de mim –afasta-se assim tanto do nada como do ser, provocando contra a minha vontade esta responsabilidade, isto é, substituindo-me a Outrem como refém (Lévinas, 2011, p. 33).

Para Lévinas (2010, p. 242), é mediante o rosto do Outro que sou convocado a uma relação colocando os poderes da racionalidade totalmente em cheque. A convocação do rosto do Outro leva à “não indiferença para com a morte de Outrem” em um movimento de saída “do em-si e do para-si ou do cada um por si” para ser para-o-outro. O rosto “não se dá apreensão, ele se recusa a ser conteúdo. Toda tentativa de especificá-lo resulta em sua perda, pois o rosto é a própria expressão da alteridade tal como se presentifica na relação”, rosto é fala, expressão, infinito, permite um contato profundo com o humanismo do outro homem (MARANDOLA JR., 2017, p. 41).

A liberdade de outrem nunca poderia ter começado na minha, isto é, pertencer ao mesmo presente, ser contemporâneo, ser-me representável. A responsabilidade por outrem não pode ter começado no meu compromisso, na minha decisão. A responsabilidade ilimitada onde me encontro vem de aquém da minha liberdade, de um {anterior-a-toda-recordação}}, de um {{ulterior-a-toda realização}} do não-presente, do não-original por excelência, do não-árquico, de um aquém ou de um para lá da essência (Lévinas, 2011, p. 32).

O Outro, segundo Lima (2020), não se dispõe como conteúdo acessível, aberto ao desvelamento: o Outro é incognoscível e anterior à epistemologia, à ontologia e à própria ciência e liberdade. Seria a significância causada pelo retorno do sem-sentido numa relação diacrônica.

Segundo Martins e Lepargneur (2014), o Outro não permite capturar sua essência e ultrapassa os quadros de sua representação. Deste modo, a filosofia ética de Emmanuel Lévinas no tocante à alteridade radical possibilitou pensar numa educação para a diferença compreendendo que na modernidade a diferença tende a ser representada, objetificada levando à exclusão e substantivação da alteridade.



Soares (2011) entende o Outro como transcendência e infinito, no qual leva ao inapreensível e ao inalcançável, um Outro que jamais será reduzido ao Mesmo. Conforme Martins e Lepargneur (2014), o infinito para Lévinas é compreendido como presença do ser que não está fechada no Mesmo, extravasa, sai de si, se manifesta na epifania do rosto para além da forma, não é totalizante, não é possível atingir o saber absoluto.

Nessa perspectiva esbarramos na questão fundante de uma educação geográfica para a diferença entendendo que a alteridade radical demanda o acolhimento e a responsabilidade pelo Outro em sua diferença. É necessário ir além do entendimento do Outro como *Alter*, tal qual na filosofia ocidental, que o *com-preende*, o objetiva e o cristaliza, concebendo-o como externalidade.

O Outro seria o sujeito da diferença. É mais que o estrangeiro que traz consigo diversidade, como colocado por Massey (2008), assumindo a radical ambiguidade entre o familiar e o estranho, conforme Osswald (2018).

Osswald (2018) em seu artigo “*O familiar e o estranho: uma aproximação aos estudos sobre o habitar: entre a fenomenologia e a psicanálise*”, tece reflexões sobre a atitude natural concebida por Husserl para entender o que é familiar e estranho para o Eu. Sua escrita possibilita pensar a formação docente para a alteridade, pois revela que a atitude natural familiariza as coisas a partir de si, levando à normalidade e à acomodação, o que torna difícil reconhecer e conviver com o que é diferente pelo estranhamento. No entanto, o estranho está em nós. Ao se deparar com algo que não consideramos familiar nos desestabilizamos e passamos a ver aquilo como estranho, portanto, “o efeito perturbador ocorre, precisamente, devido ao estranhamento familiar, assim, a experiência do inóspito não é causada por uma exterioridade que se presente no mundo e destrói a normalidade” (OSSWALD, 2018, p. 67).

A partir da diferença podemos pensar uma formação docente que seja comprometida com o acolhimento e a responsabilidade ao Outro. Esse Outro em sua diferença nos faz potência enquanto pessoa, ele interpela e convoca ao desafio, o Eu sai de sua interioridade de seu egocentrismo para suprir e escutar o Outro.

A partir da diferença compreendemos o lugar como conjunto de relações de alteridade entre o Eu e Outro, como um Outro-geográfico para o qual devo responsabilidade e acolhimento incondicional. As relações com o Outro aparecem presentificadas no lugar, segundo Lima (2023), permitindo-nos pensar o lugar como alteridade pela qual somos

obrigados a acolher. A relação com o Outro e com o próprio lugar deve ser, como coloca Dardel (2011, p. 1-2), uma relação intrínseca entre o homem e a Terra, “uma geograficidade do homem como modo de sua existência e seu destino”.

A diferença potencializa as relações éticas do acolhimento no lugar, uma vez que o lugar promove relações de estranhamento e familiaridade, compreendida como chave para discorrer sobre a alteridade. Assim, trabalhar o conceito de lugar na perspectiva ética levinasiana, é explorar o potencial da diferença para com ele.

Portanto, pensar a alteridade como uma potência para a educação geográfica e para a formação docente consiste na defesa de um outro modo de ser e fazer Geografia, fundamentado no acolhimento e na abertura ao ensinamento proveniente da alteridade, abrindo possibilidade para pensar a diferença e os conceitos geográficos num movimento de não indiferença ao Outro.

A alteridade radical abre oportunidades para (re)pensar a educação geográfica, como quebra a reprodução do conhecimentos formais, exigindo do Eu uma ação ética e rompimento do egoísmo e da totalidade. Nessa perspectiva, a formação docente encontra elementos para ser concebida como processo aberto, tendo na responsabilidade pelo Outro o pressuposto à interpelação ética que tem implicações na própria maneira de ensinar e fazer geografia tão necessária à formação docente.

### **Continuar caminhando**

O entrelaçamento entre formação docente em Geografia, diferença e alteridade abrem portas para compreensão de um outro-modo-de-ser geográfico fundamentalmente ético, que passa pelo traumatismo egológico necessário a uma ética da alteridade, contribuindo para o enfrentamento da colonialidade. A descolonização é pensada por Sá (2021, p. 53) como “tomada de posição a favor da identificação, visibilização, transgressão e reconstrução por meio de alternativas locais da lógica colonial agora expressa pelas colonialidades”.

Em nosso caso, o movimento consiste em uma formação descolonizadora pensada por meio da ruptura com uma educação que tem como base o primado do Eu como sujeito racional.



Assim, reforçamos demonstrar a importância da desconstrução da colonialidade-modernidade na formação docente em Geografia para repensar as relações com o Outro, num voltar-se a alteridade radical no qual a própria geograficidade é manifestada com/no lugar.

A radicalidade ética é necessária para o enfrentamento da diferença por estar no princípio da relação com o Outro. A radicalidade promove a contínua busca do para além do ser e do sujeito, em um movimento de transbordamento em que a diferença vai ao encontro da não indiferença, do acolhimento e responsabilidade incondicional ao Outro.

### Referências

- DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Comp.) **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2000. p. 41-53.
- HADDOCK-LOBO, R. **Da existência ao infinito**: ensaios sobre Emmanuel Lévinas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2006
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Trad. Pergentino Pivatto (cord). 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LÉVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução de José L. Pérez; Lavínia L. Pereira. Lisboa: Translata 7, 2011.
- LÉVINAS, E. **Ética e Infinito**. Trad. João Gama. Rev. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1982
- LIMA-PAYAYÁ, Jamille da S. Docência Payayá: educação indígena e geografia para a alteridade. **Caderno de Geografia**, v. 33, n. 73, 2023.
- LIMA-PAYAYÁ, Jamille da S. Metafenomenologia da alteridade: por uma significação ética da pesquisa geográfica. **Geograficidade**, v. 10, n. especial, 2020.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Pensando**: Revista de Filosofia, v. 8, n. 16, 2017.
- MARTINS, R. J.; LEPARGNEUR, H. **Introdução a Lévinas**: pensar a ética no século XXI. São Paulo: Paulus, 2014.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MONDARDO, Marcos. Descolonizando territórios na América Latina: esforços ontológicos e epistemológicos dos povos indígenas. **RELAcult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 6, n. 2, p. 1-19, 2020.



MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

OSSWALD, Andrés M. O Familiar e o Estranho. Uma aproximação aos estudos sobre habitar: entre a fenomenologia e a psicanálise. Belém: **Nufen: Phenom. Interd.** v. 10, n. 3, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: o organizador/editor vem aqui. **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Ed.). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SÁ, R. L. Ética, decolonialidade e migração à luz do pensamento freireano. **Práxis Educacional Filosófica**, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, v. 17, n. 47, p. 44-65, 2021.

SOARES, D. M. O outro na filosofia de Emmanuel Lévinas. 2006. 80 fls. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.